

Este conto pertence ao livro
Ô Fumo! Outras Histórias do João do Açúcar

OBSESSÃO E TARA

Ao Átala Carvalho de Godoy

Foi numa visita ao Coronel Anásio — Coronel da Guarda Nacional — que João do Açúcar, ainda criança, conheceu o comportamento obsessivo. Aproximava-se a hora de dormir e, enquanto o Coronel impaciente ainda fazia sala, João do Açúcar observava a empregada que arrumava a cama do casal. Primeiro, ela esticou o lençol — que já estava esticado, esticadíssimo —, em seguida, passou o ferro quente para que não ficasse um amarrotado que fosse. Até aí, nada que não esteja relatado nos manuais de psicopatologia. Mas eis que apareceu a novidade, pois estando a cama perfeitamente preparada com o cobertor devidamente sobreposto ao lençol, a empregada começou a colocar cadeiras em volta da cama, equidistantemente separadas através de uma varinha que servia de gabarito. Como procedimento final, a empregada fez várias observações a fim de verificar se os desenhos do cobertor estavam simétricos ao eixo imaginário que passava no sentido longitudinal da cama. Era a parte mais engraçada e curiosa do ritual, visto que a arrumadeira fazia visadas, semelhantes àquelas usadas pelos práticos de porto quando conduzem as embarcações em canais estreitos e perigosos. O bico do passarinho estampado à direita do cobertor deveria estar na mesma linha do enfiamento diagonal do capitel torneado do pé da cama com o capitel da cabeceira. Trocando a diagonal, deveria acontecer a mesma coisa com o bico do passarinho do lado esquerdo. Com apenas duas miradas e a confirmação da posição dos passarinhos, outros

requisitos também estariam preenchidos como a questão do esquadro e a distância do cobertor em relação à guarda da cama. Dizem que o Coronel fizera vários ensaios, demonstrando através de teoremas, o equacionamento da geometria do cobertor e escreveu um pequeno manual para quem estivesse na função de arrumar a cama. Aquela cena permaneceu na cabeça de João do Açúcar por muitos e muitos anos; mas, por que a cama do Coronel teria que ser rodeada de cadeiras equidistantemente perfiladas? Seria mania de parada militar?

A resposta veio muito mais tarde. João do Açúcar já era marmanjo e conversava numa roda de maledicentes quando surgiu um comentário sobre o Coronel Anásio que, além de já ter morrido, era nome de rua. Um sobrinho do velho começou a contar suas maluquices e explicou o arranjo da cama e das cadeiras. É que além de obsessivo o Coronel tinha algo de hipocondríaco e, portanto, na hora em que se deitava, as cadeiras eram encostadas na cama para impedir que as cobertas roceassem pelo chão e assim, os micróbios não poderiam subir pelas pontas do lençol ou do cobertor. Estaria ele livre de doenças que pudessem ser causadas por bichinhos escaladores.

Com mais uns copos de vinho, o sobrinho do Coronel contou mais. Contou que o tio era tarado por sutiãs e que durante muito tempo foi dono de uma loja na antiga Rua Municipal onde se confeccionavam artesanalmente os mais confortáveis corpinhos da cidade. Fazia ele questão de, pessoalmente, tirar as medidas, que eram em número de dezessete, sendo as mais importantes: o perímetro total, a catenária, a espiral de afunilamento e a última, denominada distância interseios, quando então, usava uma técnica especial para realçar os pontos conspícuos.

Levara à amante dúzias e dúzias da importante peça de números, modelos e cores diferentes. E o mais pitoresco

de tudo isso acontecia na hora do clímax carnal. À comborça obrigava o Coronel a colocar um sutiã por cima do outro até que se formassem duas enormes trouxas cônicas e gritava desesperado:

— Ai! Ai! Ai! ah!, se a Honorinha me visse?! —
Honória era a legítima mulher do Coronel Anásio.
